

OPINIÃO

Abolição: 120 anos depois

No Brasil a mistura étnica aconteceu vitoriosamente. Somos um povo, ao mesmo tempo, generoso e cheio de contradições, vivemos cercados de abundância, mas com grandes bolsões de miséria. Somos a terra da integração, porém com enormes abismos que separam negros e brancos de forma visível e invisível. Agora que chegamos ao pós-120 anos de abolição da escravatura, essa integração que lhe é peculiar coloca o Brasil no centro do debate, em que seu impasse étnico transformou-se no indicador que pode levar o país ao futuro como nação civilizada ou fincar, de vez, nossa pátria, linda por natureza, nos erros do passado; dos quais a escravidão e o racismo são os mais caros e dolorosos na trajetória social brasileira. Certamente, o primeiro passo na correção desses erros tem início com o entendimento de que o fim da escravatura deu-se como resultado de uma complexa conjunção de fatores, cuja dimensão política contribuiu, em graus variados de escala e importância, para o lento processo de definhamento da prática escravista em nosso país. Alguns desses fatores, como reconhece a nova historiografia (MOURA,1994), tiveram caráter primordial na saga pela liberdade: as rebeldias negras. Foi graças a elas – chamadas de quilombagem – que 95% da prática escravista perderam sua força enquanto geradora de riqueza para os escravocratas e latifundiários. Outros personagens (os estudantes, os intelectuais, a maçonaria e os artistas) participaram ativamente nesse maior ato de desobediência civil que o Brasil tinha registrado. Enquanto as doenças endêmicas (sífilis, malária e os maus-tratos físicos) foram responsáveis pelo dizimamento em massa da maior parte da nossa escravaria.

Apesar desse bem-sucedido engajamento do povo na luta contra a escravidão e de termos consolidado certos passos na vitória final contra as várias formas de preconceito, a abolição da escravatura ainda não aconteceu de fato no dia-a-dia dos negros e negras brasileiros. A realidade concreta, nas vilas e favelas das metrópoles, é outra e comprova que a abolição aconteceu do ponto de vista teórico, haja vista que são esses mesmos negros e negras que sempre constam em todos os índices do

baixo padrão de qualidade de vida, de emprego e falta dele, de renda e de moradia minimamente saudável. Portanto, é preciso reconhecer que a exclusão substituiu a escravidão com igual teor de perversidade. E não precisamos falar muito quando o assunto é exclusão, porque, como todos acompanham e se indignam todos os dias, esse é o grande gargalo nacional. Daí que, se queremos justiça social, precisamos urgentemente implementar ações que façam a correção dessa gigantesca injustiça cometida à população negra. Com a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, vamos começar, não da forma como deveria, mas pelo menos de forma absolutamente necessária para colocar o Brasil nos rumos dos trilhos da cidadania efetiva para todos, como já fazem as grandes nações cumpridoras dos preceitos do Estado Constitucional e Democrático de Direito.

Por Alexandre Francisco Braga

*Bacharel em Comunicação – Centro Universitário Newton Paiva
Graduando em Filosofia – PUC-MG*

*Coordenador de comunicação da Unegro (União de Negros Pela Igualdade) e FOMENE
(Fórum Mineiro de Entidades Negras)*

E-mail: bragafilosofia@yahoo.com.br